

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 4 – E a Palavra de Deus se Multiplicava – Grandes perseguições – grandes exemplos de fidelidade.

Atos 5.17-42; 6.8-15; 7.57-60; 12.1-25

Elaborado por Jairo Pereira da Silva
jairopesi@yahoo.com.br

Neste estudo encerramos as lições do primeiro ciclo da série “O Cristianismo Pioneiro”, com base no livro dos Atos dos Apóstolos. Até aqui estudamos a origem e natureza da Igreja, bem como o impacto do seu advento sobre a sociedade judaica de Jerusalém, Judéia, Samaria e Galiléia, com reflexo nas cidades vizinhas onde habitavam outros povos. Com a lição de hoje vamos examinar os diversos obstáculos que se opuseram à ação da Igreja, especialmente da parte das autoridades religiosas. Era a seita dos saduceus, a mesma que tanta oposição fizera a Jesus durante seu ministério, que liderava o embate contra a Igreja, tendo uma motivação muito especial: eles não criam na ressurreição dos mortos e, por isso, enchiam-se de ódio ao constatar que a pregação dos apóstolos anunciava Jesus Ressuscitado, em nome do qual faziam sinais e prodígios notórios à vista de todo o povo, fazendo milhares de novos discípulos e obtendo a admiração crescente. Examinemos então esses fatos.

O Primeiro Embate e a Resistência da Igreja (Atos 5: 17-32) – O livro de Atos registra que “muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos” e mais, “que o povo os tinha em grande estima” e ainda, que “a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais”. Em contraste com a admiração do povo, o sacerdote e os saduceus encheram-se de inveja e ódio e assim,

“lançaram mão dos apóstolos, e os puseram na prisão pública”. O que eles não sabiam era que Jesus prometera estar com sua igreja todos os dias. O Senhor entrou em ação e enviou um anjo que abriu as portas da prisão, conduziu-os para fora e ordenou que continuassem a pregar no templo. O significado é claro. O Senhor Jesus veio para os seus, mas os seus não o receberam. Agora se iniciava o tempo glorioso da Igreja, restando ao sumo sacerdote e demais religiosos a confusão e perplexidade.

O sumo sacerdote já havia reunido o Conselho e era necessário tomar alguma providência pelo que os fugitivos apóstolos foram levados, sem violência à sua presença. O interrogatório feito pelo sumo sacerdote revela tanto os bons resultados do trabalho da Igreja como a culpa que os consumia: Perguntou ele: “Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinassem nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina, e quereis lançar sobre nós o sangue deste homem”. A resposta de Pedro e os demais apóstolos soou na sala do conselho como uma sentença: não reconhecemos sua autoridade sobre a Igreja “mais importa obedecer ao Senhor Jesus do que aos homens”. Essas palavras instruem-nos como Igreja hoje para que saibamos que a eficácia da Igreja reside na obediência a Cristo e não a qualquer homem.

A Escalada: Prisão, Violência e Morte (Atos 5:33-42; 6:8-15; 7:57-60; 12:1-11) – A dura resposta de Pedro foi seguida também de um duro sermão cujos pontos cruciais podem assim ser resumidos: “Vós mataste a Jesus, suspendendo-o no madeiro”; “O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus e o elevou a Príncipe e Salvador”. A inveja dos membros do conselho, o sacerdote, os saduceus, os fariseus e anciãos, agora se transmudou em fúria cega, “E deliberam matá-los”. E, de fato o fariam, não fosse o bom senso (quem diria?) de Gamaliel, um fariseu, doutor da lei. “Acautelai-vos a respeito do que haveis de fazer a esses homens”, disse ele. “Se esta obra é de Deus, não podereis desfazê-la; e ainda estareis combatendo contra Deus”. Todos concordaram. Mas a razão, entretanto, se mostrou menos forte que o ódio. Antes de deixarem ir os apóstolos, os ameaçaram e açoitaram.

A primeira morte com que a Igreja glorificaria a Cristo estava destinada ao diácono Estevão. Este discípulo era usado poderosamente pelo Espírito Santo e, como os apóstolos, “fazia prodígios e grandes sinais entre o povo”. Além disso, era dotado de grande poder e sabedoria para defender a fé em Cristo. Judeus de diversas sinagogas intentaram disputar com Estevão e não lhe puderam resistir. O evangelho é loucura para os que não creem.

Contra a verdade pregada por Estevão, seus inimigos opõem a mentira e o suborno, acusando-o diante do conselho, mediante falsas testemunhas, de haver blasfemado contra Moisés e contra Deus. Os olhos do conselho se voltam para o acusado e o que vêem os surpreende: um “rosto como de um anjo”. A beleza de Cristo se via nele. Iniciado o interrogatório, o conselho houve,

novamente, um duro sermão: “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração”: “Vós sois traidores e homicidas”. “A reação do conselho mostrou o acerto da acusação de Estevão; enfureceram-se em seus corações e rangeram os dentes contra ele”. Enquanto assim agiam, Estevão olhava para o céu. Enquanto era morto por apedrejamento, conversava com seu Senhor. Assim faz a Igreja; enquanto é perseguida, odiada e apedrejada, olha para o céu, buscando a face de Deus e a glória de Jesus. Irmãos! A obra da Igreja é a obra de Deus e por isso, ameaças, prisões e açoites não podem desfazê-la. Sob o poder do Espírito Santo, todos os dias, nos templos, nas casas e onde houver um só discípulo, persistamos em ensinar e anunciar a Jesus Cristo.

Em vários momentos da história da Igreja, tem ela sofrido a opressão do poder religioso, e, associado a este ou não, tem sofrido também opressão por parte do poder civil ou do estado. Tal é o caso que passamos a analisar. Entra em cena, uma vez mais um Herodes. Pesava já sobre estes reis a matança de crianças com intuito de matar o menino Jesus, a morte de João Batista e agora vão acrescentar mais um homicídio à sua lista de horrores. De Cesaréia, em seu palácio, Herodes Agripa acompanhava os acontecimentos de Jerusalém e, além disso, o evangelho já estava sendo pregado abertamente em Cesaréia. Lá esteve o pregador Filipe, e o centurião Cornélio e sua família se converterão a Cristo pela palavra de Pedro.

Observando o cenário e sempre odiado pelo povo e autoridades religiosas, Herodes resolveu agradá-los maltratando alguns da Igreja e, afinal, matou à espada a Tiago, irmão de João, e vendo que isto agradara, mandou prender ao próprio Pedro. Em sua soberania e sabedoria, o

Senhor permitiu que Tiago o glorificasse com a morte, mas não permitiu que Pedro a ela fosse entregue. O próprio Senhor resplandeceu na prisão e de lá tirou o apóstolo, mesmo ligado com duas cadeias e guardado de perto por dezesseis soldados. Enquanto o Senhor agia, a Igreja reunida orava por Pedro. Contra tão poderosa força, restou a Herodes mandar justicar os soldados e escapar para Cesaréia. Pela sua iniquidade, Herodes cairá nas mãos do Deus vivo. Irritado com a fuga de Pedro, a fúria do sanguinário rei se havia voltado contra os súditos das cidades sírias de Tiro e Sidon. Estas, para aplacar o mau humor de Herodes, enviaram emissários a fazer uma aclamação pública ao rei, rasgando-

se em elogios. Cheio de orgulho e vaidade, Herodes discursa em trajes reais, assentado no tribunal e em resposta, aqueles pagãos o aclamam: “É um deus que está falando e não um homem”. Herodes comete a sua grande afronta a Deus, acalentando em seu coração orgulhoso a idéia de ser como Deus. Eis o seu triste fim: “No mesmo instante o Senhor o feriu, porque não deu glória a Deus; e comido de vermes expirou”. Jesus disse que no mundo sua igreja teria muitas aflições, mas ai daqueles que a afligem, pois Jesus os declara seu perseguidor, conforme declarou a Saulo, o perseguidor da Igreja, no caminho de Damasco: “Eu sou Jesus a quem tu persegues”.